

Crenças: considerações do alunado em relação ao ensino de Língua Portuguesa

Beliefs: students' thoughts concerning the portuguese language teaching

Greize Alves da Silva-Poreli*
Vanessa Yida**
Vanderici de Andrade Aguilera***

RESUMO: O presente trabalho discute os resultados de uma pesquisa realizada com alunos da rede pública de ensino, quanto às crenças (valoração positiva ou negativa) em relação ao ensino de língua portuguesa. Baseando-se em preceitos de Wallace Lambert (1972), com relação à psicologia da linguagem, busca-se analisar as crenças e eventuais atitudes dos alunos em relação ao ensino de Língua Portuguesa. Para tanto, foram aplicados questionários com oito questões a dez estudantes (ambos os sexos, na faixa etária de 15 a 16 anos) do segundo ano do ensino médio de um tradicional colégio na região central de Londrina – PR. Os resultados geraram cinco gráficos para auxílio da visualização das respostas dos entrevistados. Concluiu-se que: (i) as crenças negativas se encontram mais atreladas ao professor; (ii) os alunos não conseguem estabelecer uma relação entre o ensino de língua portuguesa e sua aplicação na vida profissional, pelo distanciamento dos métodos de ensino de sua realidade social; (iii) as alunas apresentam maior desenvoltura no uso da linguagem ao responder o questionário do que os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Crenças. Ensino. Língua portuguesa.

* Mestranda do programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, formada em Letras franco. Atua como pesquisadora do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Desenvolve dissertação intitulada Crenças e Atitudes Linguísticas na cidade de Pranchita. E-mail: greize_silva@yahoo.com.br

** Mestranda bolsista CAPES/MEC do programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, formada em Letras Vernáculas e especialização em Língua Portuguesa pela mesma instituição. Atua como pesquisadora no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). E-mail: vanessayida@yahoo.com.br

*** Docente do programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, pesquisadora 2 do CNPq. E-mail: vanderici@directlink.net.br

ABSTRACT: This work discusses the results of a research with students from public schools, concerning beliefs (positive or negative valuation) for Portuguese language teaching. Based on precepts of Wallace Lambert (1972), relating to psychology of language, it seeks to analyse beliefs and possible student attitudes regarding the Portuguese language teaching. For that, it was applied a questionnaire with eight questions to ten students (both sexes, aged 15 to 16 years) from the second year of secondary year in a traditional school in Londrina city center. The results originated five graphs which helped in the interviewees' answers. It was concluded that: (i) the negative beliefs are more connected with the teacher; (ii) students cannot establish a relationship between the teaching of Portuguese language and its application in their professional lives, because of the distance of the teaching methods from their social reality; (iii) the female students have greater ease in use of language when answering the questionnaire than male students.

KEYWORDS: Beliefs. Teaching. Portuguese language.

Introdução

Originária do latim *credentia,ae*, "ação de acreditar", a palavra *crença* ainda hoje mantém seu significado etimológico: "aquilo ou aquele em que se crê". Tal sentido nos remete ao entendimento de que crença refere-se a algo em que acreditamos como sendo uma verdade, mesmo que essa verdade não tenha nenhum valor empírico.

O ramo de estudos das crenças tem despertado o interesse das mais variadas áreas, em especial a Linguística Aplicada, a Sociolinguística e a Educação. Nascida por meio de pesquisas em psicologia social, a análise das crenças surge da necessidade de avaliar as questões valorativas relacionadas aos mais variados fatores, sejam eles sociais ou mesmo linguísticos.

O primeiro pesquisador a debruçar-se sobre este estudo é o canadense Wallace Lambert, ainda na década de 60. Lambert é psicólogo social e dedicou-se especialmente à temática da psicologia da linguagem. Segundo ele, o falante tende a demonstrar distintos modos de pensar, sentir e agir em relação aos acontecimentos e às pessoas do seu convívio (1972, p.93).

Ainda em relação ao estudo pioneiro de Lambert, podemos destacar que, se as crenças envolvem a ação de acreditar em algo ou alguém, tais análises são de grande valia dentro do ensino/aprendizagem de língua portuguesa, uma

vez que o estudo das crenças e suas consequentes atitudes demonstram os estímulos psicológicos que norteiam os alunos em relação ao ensino de determinadas matérias.

Assim, o presente estudo tem por objetivo descrever e analisar as crenças em relação ao ensino de língua portuguesa em uma escola pública de Londrina. Para tanto, foram aplicados questionários a 10 estudantes secundários, de ambos os sexos e na faixa etária de 15 a 16 anos.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: inicialmente apresentamos uma discussão teórica a respeito da análise das crenças e suas contribuições para a educação. Em seguida, descrevemos a metodologia para, conseqüentemente, adentrarmos nas análises dos dados. Ao final, apresentamos as conclusões relacionadas aos dados, à metodologia empregada e à teoria das crenças como ferramenta pedagógica.

Pressupostos Teóricos e Breve Revisão dos Conceitos

A partir de 1960, os sociólogos e sociolinguistas chamam a atenção para a importância da análise das crenças e atitudes dos falantes, cuja conduta explicaria as preferências linguísticas. Para Morales (1993), destacam-se duas principais linhas de estudo: a *mentalista* e a *comportamentalista* ou *behaviorista*.

Para os mentalistas, as atitudes são um estado mental do indivíduo sendo este capaz de escolher as suas respostas de acordo com a situação a que está condicionado. Por tal razão, as atitudes, nesse tipo de análise, pressupõem problemas metodológicos, pois, por se tratar de estímulos mentais, a observação das reações seria mais difícil.

A linha mentalista identifica três componentes na composição das crenças e atitudes:

- a) *Cognoscitivo*: diretamente ligado à consciência linguística do falante. Segundo Molina (1998, p. 31), esse componente é o que tem o maior peso diante das atitudes dos falantes, pois se trata de um sistema que

abarca os conhecimentos e valores do indivíduo, tais como, estereótipos, crenças, ascensão social, personalidade, etc.

- b) *Afetivo*: diz respeito à valoração que o falante atribui acerca das características da sua fala ou do falar dos demais. Está diretamente ligada ao orgulho ou aos valores que a sua fala representa dentro de uma comunidade.
- c) *Conativo*: é a conduta que o falante tem frente às situações às quais está condicionado. Refere-se às escolhas que o indivíduo tem em relação às diferentes situações em que se encontra, como escola, trabalho, família, amigos, etc. (MOLINA, 1998, p. 31).

Já a linha *comportamentalista*, nas palavras de Fernández (1998, p. 182), pressupõe que “a atitude é uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, uma situação ou características sociolinguísticas determinadas¹” (tradução nossa). Ou seja, ao ouvir um indivíduo falar, já se identificam a sua origem e sua posição social.

Para Morales (1993, p. 231-242), crenças e atitudes pressupõem apenas o componente conativo, ou seja, “uma conduta, um comportamento, que pode gerar atitudes diferentes, podendo ser positivas ou negativas, dependendo da situação em que o falante está inserido”.

O psicólogo Lambert distingue três princípios que regem as crenças e suas consequentes atitudes sociais, são eles: (i) *associação* – princípio pelo qual se evita o contato com pessoas ou coisas que nos desagradem e nos aproximamos daqueles que nos trazem coisas agradáveis; (ii) *transferência*, pois transferimos nossas expectativas para determinados fins; e (iii) *satisfação de necessidade*, quando procuramos nos aproximar de pessoas que associamos a coisas agradáveis (1972, p.93).

Os três princípios propostos pelo estudioso nos remetem ao fato de que nós, como sujeitos de uma sociedade, procuramos nos aproximar de coisas ou pessoas que nos agradam, que nos façam bem. Em contrapartida, evitamos o

¹ *La actitud es una conducta, una reacción o respuesta a un estímulo, esto es, a una lengua, una situación o unas características sociolinguísticas determinadas* (1998 p. 182).

contato com situações que nos causam descontentamento ou das quais não entendemos a finalidade.

Assim, podemos destacar que o falante possui crenças valorativas em relação ao mundo e, conseqüentemente, sua conduta será condizente com esse saber ou crença, uma vez que são estímulos reforçados pelo meio, em especial pelo próprio ambiente acadêmico.

A problemática no ensino/aprendizagem de língua portuguesa

Sobre a temática das crenças aplicada ao ensino, Santos (1996) discute questões importantes na análise do ensino/aprendizagem no contexto da escola pública. Segundo o autor, a queda significativa em relação ao ensino/aprendizagem de língua materna está atrelada aos objetivos da escola em suprir os interesses de uma classe dominante, ou seja, a escola teria por objetivo a manutenção da norma culta.

A escola ainda se encontra presa a seus antigos moldes, salientando o aspecto conativo das crenças, que pressupõem que o "estudo da língua surge a fim de conservar-se inalterada a linguagem correta das classes superiores em seu contato com os outros modos de falar dentro dessa sociedade." (SANTOS, 1996, p.18).

Roberto Camacho (1988), ao tratar norma pedagógica e variação linguística, avalia a função da escola e os valores que esta transmite. O autor destaca que, se não houver identificação entre norma do aluno e ensino, não haverá eficiência na educação. A imposição da gramática normativa alicerçada em preceitos estéticos de literaturas antigas retrata o padrão de membros de comunidade socio-econômica mais privilegiada, tornando o ensino elitista e conservador.

O ambiente linguístico que se instaura nas escolas repreende a linguagem que o alunado traz de sua realidade e essa discriminação social pode levar à evasão escolar. Na classe social mais favorecida, a influência da escola

na fala é quase nula, pois a formação familiar e social da criança já inclui valores sociais de prestígio.

A saída para a escola seria oferecer à criança a noção de adequação da fala para determinadas situações e não correlacionar capacidade verbal a classe sócio-econômica. Há mais de duas décadas, Camacho (1988) sugeria mudanças de atitude por parte do professor, com respeito ao padrão linguístico de cada aluno e mudança do vocabulário correto/incorrecto a formal/informal. O domínio de vários estilos em vários contextos constitui fator de mobilidade social, tarefa da escola para com os setores desfavorecidos da sociedade.

Assim, a sociedade taxa como erro o que a Sociolinguística considera como inadequação ao contexto. Segundo Bortoni-Ricardo (2006) este fato decorre:

das imagens que os interlocutores fazem uns dos outros, dos papéis sociais que estejam desempenhando e das normas e crenças vigentes na comunidade de fala. Em outras palavras, diante de um enunciado que a cultura dominante rejeita por conter um erro, a Sociolinguística analisa a variante ali empregada, avalia o prestígio a ela associado considerando-se as normas vigentes. O erro na língua oral é, pois, um fato social. Ele não decorre da transgressão de um sistema de regras da estrutura da língua e se explica, simplesmente, pela (in)adequação de certas formas a certos usos. Por ser um fato social, só se corporifica quando a sociedade o percebe como um pecado no domínio das etiquetas sociais (p. 272).

A Sociolinguística, desta forma, troca a antiga noção de erro pela noção das diferenças entre variedades e estilos. O contexto de fala inadequado configura erro, como fato social (percebido pela sociedade). Esta noção deve inserir-se no ensino de modo a motivar o aluno na percepção dos diversos estilos de fala.

Castilho (2002), por sua vez, aponta como mecanismo para adequação do ensino a sensibilização do aluno sobre a variabilidade linguística, nas diversas situações, para evitar preconceitos. Mesmo assim, as variedades de maior prestígio precisam ser descritas. É preciso ver o que classificar como norma, e sua relação com a realidade social dos alunos, pois, a língua

apresenta-se como traço cultural e fator de coesão social e de pressão da sociedade em preservar sua identidade.

O que move, portanto, é a pressão social, que unifica os traços culturais para que não se perca a identidade do grupo. E a língua, como traço cultural saliente, é ao mesmo tempo fator da coesão social e alvo das pressões da sociedade, ciosa de preservar sua identidade (CASTILHO, 2002, p. 29).

Devido à pressão social e necessidade da coesão, o ensino acaba sendo unificado em torno de uma norma única elitista e inadequada à realidade social dos discentes. Devem ser ensinados usos linguísticos considerados mais adequados a cada situação linguística.

Mattos e Silva (2004), por fim, reitera o problema do distanciamento da escola ao aluno, voltando-se a modelos europeus de ensino e conclui que o aumento de estudantes e a má formação dos professores têm contribuído para a evasão escolar. Desta forma a escola acaba atuando como meio de opressão da camada mais simples da população, ao deixar de cumprir seu papel na formação do cidadão e melhoria de sua qualidade de vida.

Metodologia

Em decorrência dos problemas enfrentados na atualidade em relação ao ensino/aprendizagem de língua portuguesa, optamos por analisar o que pensam e como agem os alunos em relação ao ensino de língua materna. Para isso, utilizamos os conceitos estabelecidos pelo estudo das Crenças e Atitudes Linguísticas.

Para o presente estudo, optamos pela aplicação de questionário semifechado, majoritariamente com alternativas de *sim* ou *não*. Porém, em todas as questões há espaço para o entrevistado justificar a sua resposta. O instrumento de coleta conta com oito questões, a saber²:

² Para o presente estudo optamos por trabalhar, dentre as oito, com cinco questões cujas respostas se configuraram como mais significativas para a análise.

QUESTIONÁRIO

1) O que você acha do ensino de língua portuguesa na escola?

Excelente Bom Ruim Péssimo

Por quê? _____

2) O que você acha da gramática ensinada na escola? Você consegue entendê-la?

Sim Não

Por quê? _____

3) Você acha que a gramática ensinada na escola será relevante para a sua vida futura?

Sim Não

Por quê? _____

4) O tipo de profissão que você pretende seguir exige que você saiba língua portuguesa?

Sim Não

Qual será a sua profissão? _____

5) Você acha que o ensino de língua portuguesa nos tempos dos seus pais e avós era melhor do que hoje?

Sim Não

Por quê? _____

6) O que é para você saber língua portuguesa?

7) Na sua opinião, o que é necessário para melhorar o ensino de língua portuguesa?

8) Quem você acha que aprende língua portuguesa com mais facilidade: homens ou mulheres?

Homem Mulher

Por quê? _____

Quadro 1 - Questionário

O questionário foi aplicado em 10 alunos do 2º ano do ensino médio de um tradicional colégio na região central de Londrina – PR. Foram utilizados informantes de ambos os sexos, com idade entre 15 e 16 anos.

Dessa forma, para facilitar a análise das respostas, identificamos as informantes femininas com os números de 1 a 5, e os informantes masculinos, de 6 a 10.

Para melhor visualização e análise dos dados, trabalhamos com gráficos estatísticos em cada questão analisada.

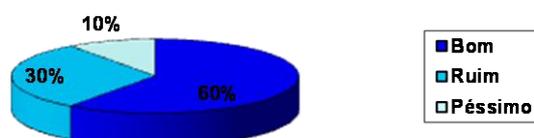
Análise e Discussão dos Dados

A seguir apresentamos a análise de cinco questões do questionário aplicado no 2º. ano do ensino médio.

Análise I

A primeira análise refere-se ao questionamento 1: O que você acha do ensino de Língua Portuguesa na escola?

Gráfico 1- Ensino de Língua Portuguesa na escola



O gráfico 1 mostra que 60% dos alunos acham o ensino de língua portuguesa bom; 30% ruim e 10% péssimo. Embora pudessem optar por outro adjetivo mais valorativo, nenhum informante citou a alternativa *excelente*. Nos comentários, 60% dos entrevistados registraram que o ensino de português poderia ser melhor e 20% atribuem à professora a culpa pelo baixo nível do ensino. Para a inf. 3, a professora “não tem domínio da sala e não sabe passar

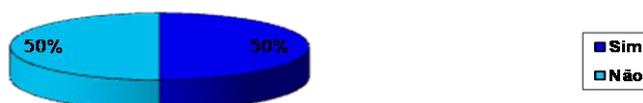
o conteúdo”. Apenas uma informante observou que a matéria é bem explicada e dá para entender (inf.³ 5).

Os dados demonstram que a maioria dos alunos gosta de língua portuguesa, porém crê que o ensino poderia melhorar com a atuação de um professor mais capaz e que tivesse mais experiência no manejo e controle da sala de aula.

Análise II

A análise II refere-se ao questionamento 2: O que você acha da gramática ensinada na escola? Você consegue entendê-la?

Gráfico 2- Você consegue entender a gramática ensinada na escola?



Os dados apontam para uma divisão nas opiniões: 50% entendem a matéria e os outros 50% não compreendem a lição passada pela professora de língua portuguesa. Os números não foram significativos em relação à variável sexo, configurando entre meninos e meninas um consenso de opiniões.

Dos que assinalaram que não conseguem compreender a matéria, os comentários relacionam este fator à atuação da professora em sala de aula. As informantes 2 e 3 relatam que a professora não tem domínio da sala e, por isso, não consegue ensinar a matéria.

Já os informantes que assinalaram *sim*, que conseguem entender a matéria, comentam que tudo se resolve com uma boa explicação, conforme observamos nos comentários de dois informantes: inf. 5. “Os professores

³ “Inf.” é abreviatura para “informante”.

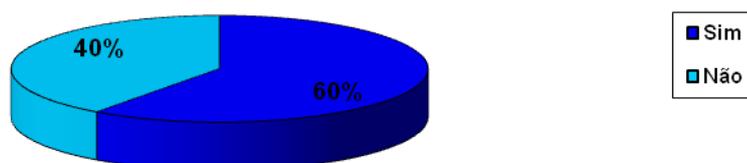
explicam bem a matéria” inf. 4: “Porque tudo se entende com uma boa explicação”.

Percebemos que, por vezes, os comentários dos alunos são contraditórios. Por hora, atrelam o fracasso ao professor e outras vezes dizem que o professor explica bem a matéria.

Análise III

A análise, a seguir, refere-se à pergunta 3: Você acha que a gramática ensinada na escola será relevante para a sua vida futura?

Gráfico 3 - Você acha que a gramática ensinada na escola será relevante para a sua vida futura?



60% dos estudantes acreditam que a língua portuguesa ensinada na escola será relevante em um futuro próximo. Em contrapartida, 40% acham que sua língua materna não será relevante para a carreira profissional.

Chama-nos a atenção esse fator. É interessante observar que o número significativo de 40% que avalia negativamente a importância da língua portuguesa está atrelado às crenças negativas em relação à matéria.

Os comentários citam que a língua portuguesa ensinada na escola é falha, pois, segundo os alunos, o pouco conteúdo que sabem, aprenderam em casa e por meio da leitura (inf. 2 e 3). Dessa forma, essas crenças negativas manifestadas pelos informantes estão ligadas à própria estrutura escolar, que não cumpre com os objetivos do ensino de língua portuguesa, apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

As metas estabelecidas pelos PCN em relação ao ensino de língua portuguesa preconizam que os alunos devem ser capazes de:

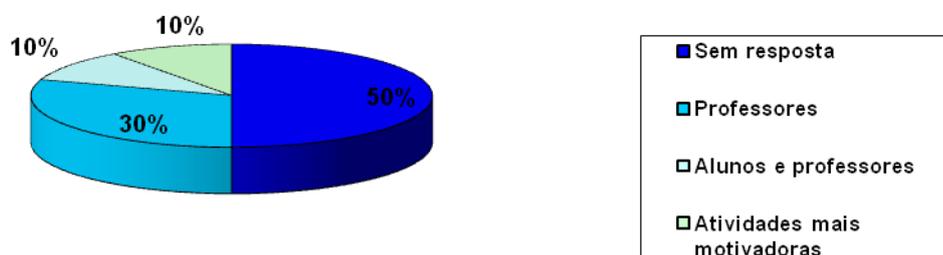
i) expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos — tanto orais como escritos — coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados; ii) utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade lingüística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam; iii) conhecer e respeitar as diferentes variedades lingüísticas do português falado; iv) compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz; v) valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos; vi) utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos: identificar aspectos relevantes; organizar notas; vii) elaborar roteiros; compor textos coerentes a partir de trechos oriundos de diferentes fontes; fazer resumos, índices, esquemas, etc.; viii) valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais, sendo capazes de expressar seus sentimentos, experiências, idéias e opiniões, bem como de acolher, interpretar e considerar os dos outros, contrapondo-os quando necessário; ix) usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para expandirem as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade de análise crítica; x) conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia (BRASIL, 1998, p. 34).

As respostas dos discentes revelam que estes não são capazes de compreender a importância do ensino de língua portuguesa pela falta de contextualização com sua realidade social.

Análise IV

Esta análise refere-se à questão 8: Na sua opinião, o que é necessário para melhorar o ensino de língua portuguesa? Como se trata de uma questão aberta, 50% dos entrevistados não responderam ao questionamento.

Gráfico 4 - Na sua opinião, o que é necessário para melhorar o ensino de língua portuguesa?



Podemos observar que 30% das respostas atribuem o problema no ensino/aprendizagem de língua materna à atuação do professor e que é tarefa dele melhorar o ensino da língua materna. Os comentários abaixo deixam clara esta crença negativa na atuação do professor:

Inf 2 – Melhores professores, com mais domínio de sala e que consigam explicar melhor a matéria.

Inf 3 – Professores que saibam dominar a sala, que realmente ensinem algo que vamos usar e precisar no vestibular e na vida.

Inf 4 – Mais interesse pelos alunos, e professores com vontade de ensinar.

Inf 5 – Menas (sic) coisas difíceis e atividades mais animadoras.

Inf 7 – Os professores.

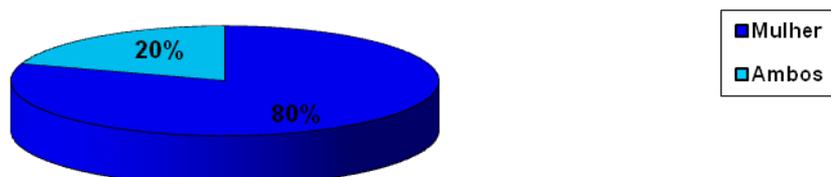
Os demais informantes dividiram suas opiniões sobre os responsáveis no processo de melhora do ensino. Uns consideram o empenho do aluno (10%) e os demais (outros 10%) apontam que atividades mais motivadoras melhorariam o ensino de língua portuguesa.

Análise V

Com o intuito de verificar as crenças relacionadas à variável sexo, fizemos o seguinte questionamento 9: Quem você acha que aprende língua

portuguesa com mais facilidade: homens ou mulheres? Os dados foram os seguintes:

Gráfico 5 - Quem você acha que aprende língua portuguesa com mais facilidade: homens ou mulheres?



Como podemos notar, 80% acreditam serem as mulheres as detentoras do melhor aproveitamento em relação à matéria. Por vezes, os relatos nos mostraram que tal crença está atrelada à facilidade de concentração por parte das meninas:

Inf 2 – Pelo menos na minha sala, são as mulheres que prestam mais atenção no conteúdo. Sendo assim, acabam aprendendo com mais facilidade.

Inf 3 – As mulheres prestam mais atenção na aula.

Inf 5 – Homens não gostam de estudar e gostam de falar errado.

Tal explicação das alunas reflete as crenças e atitudes com relação às mulheres. Para Silva-Corvalán (1989), a mulher segue mais as regras e o homem inova na linguagem ou tende a não seguir as regras:

As mulheres usam as variantes linguísticas de maior prestígio com mais frequência do que os homens. Esta conduta é mais marcada no subgrupo de mulheres de classe média baixa. [...] A fala feminina é mais conservadora do que a masculina e se classifica mais "correta". Esta observação está relacionada à anterior. Na verdade, geralmente as formas linguísticas mais tradicionais e conservadoras são as consideradas *standard* e mais prestigiosas (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 69-70).

A autora explica, ainda, que a mulher busca um destaque na sociedade por meio da conduta e usos linguísticos.

A atitude dos alunos do sexo masculino revelou também essa displicência masculina, pois não desenvolveram as suas respostas de modo a afirmar seu posicionamento do porquê das opiniões emitidas, as informantes do sexo feminino, por sua vez, apresentaram maior desenvoltura ao enunciar explícita e minuciosamente suas repostas.

Considerações Finais

O estudo aqui desenvolvido permite tecer algumas considerações: (i) os dados demonstraram que as crenças em relação ao ensino de língua portuguesa na escola são tidas como negativas por parte dos alunos; (ii) essa avaliação negativa normalmente está atrelada à competência e ao desempenho do professor, pois, segundo os relatos, falta-lhe domínio de conteúdo e da sala. Outra causa seria a dificuldade do próprio aluno devido à complexidade que ele atribui à matéria ministrada em sala de aula.

Outro fator a ser salientado refere-se à crença de que a língua portuguesa (40%) não será relevante para a vida futura do aluno. Tal fato pode estar atrelado ao distanciamento entre o saber escolar e o perfil socioeconômico do alunado, ou seja, a escola continua com o seu perfil inicial que tem por objetivo a manutenção de uma variedade *standard* da língua, um ensino distante da realidade sócio-cultural da maioria do alunado.

As informantes do sexo feminino apresentaram maior desenvoltura, corroborado pelo questionamento feito aos alunos sobre a facilidade do aprendizado de língua portuguesa. A maioria é de opinião que a mulher aprende mais facilmente o conteúdo de língua portuguesa ministrado pela escola. Os mesmos resultados já foram apontados em outros estudos como os de Silva-Corvalán (1989).

Em suma, o estudo das crenças oferece subsídios aos professores e pesquisadores sobre a necessidade de colocar o aluno como centro da prática

pedagógica. Em outras palavras, é necessário que a escola esteja preocupada com seu papel social e que tenha por objetivo maior fazer que o aluno se torne consciente criticamente, que seja instigado a pensar, refletir, questionar e a quebrar preconceitos.

Referências

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. *Sociolinguística e ensino – contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais – Ensino fundamental– Língua Portuguesa*. Brasília: SEF/MEC, 1998.

CAMACHO, Roberto. A variação linguística. In: *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o primeiro e segundo graus*. São Paulo, SE/CENP, 1988, p. 53-60.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: BAGNO, Marcos (org). *Linguística da Norma*. São Paulo. Loyola, 2002. p. 27-36.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. Actitudes Linguísticas. Capítulo 10 In: *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998, p. 180-193.

LAMBERT, Willian e Wallace. O significado Social das atitudes. Capítulo 4. In: *Psicologia Social*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972, p. 76-106.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *O português são dois: variação, mudança, norma e a questão do ensino do português no Brasil*. Novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo. Parábola, 2004.

MOLINA, José Gómez. Actitudes Lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales. In: XI ALFAL. *Actas del XI Congreso ALFAL*. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. Del 22 al 27 de julio de 1998. Tomo II.

MORALES, Humberto Lopez. *Sociolingüística*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993, 231-257.

SANTOS, Emmanoel dos Santos. *Certo ou errado? Atitudes e Crenças no ensino de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística Teoría y análisis*. 1.ed. Madrid: Ed. Alhambra, S.A, Espanha, 1989.

Recebido em maio de 2010.

Aceito em junho de 2010.